ESCOLA, PROFESSORES. E REALIDADE NUA E CRUA

Afixado por Vilela Marques - 25/01/07 14:01

A escola de hoje terá necessariamente de reconhecer que o ritmo acelerado da vida actual, faz emergir fenómenos sociais de contornos muito complexos, que conduzem as pessoas de um modo geral, e as crianças e jovens em particular, ao culto de valores pouco realistas, arrastados pela torrente avassaladora de um quotidiano caracterizado pela valorização do supérfluo, pelo comodismo, pela vida fácil e prazer imediato, sem grandes preocupações com um trabalho sério que exige indubitavelmente esforço, trabalho, empenho e uma motivação alicerçada na vontade de construir algo de importante no presente que consolide os alicerces para a vida futura de cada um. É necessário, é urgente, repensar as estratégias para recolocar a escola no seu devido lugar, como a trave mestra do conhecimento e um dos pilares fundamentais da sociedade moderna.

A escola é, do ponto de vista de uma organização sistémica, o sistema central de um conjunto de sub-sistemas que se interligam e cujo funcionamento tem por objectivo primordial, educar e formar cidadãos livres, conscientes e responsáveis. Assim sendo, fica identificado o destinatário de todas as acções planeadas, organizadas e realizadas pela escola: o ALUNO. Ora, se todo o processo de ensino-aprendizagem assenta num conjunto de actividades intencionalmente dirigidas aos alunos e ministradas de forma adequada às suas capacidades e nível de desenvolvimento, então, era suposto que todos eles de um modo geral atingissem o que normalmente consideramos sucesso escolar/educativo. Mas a realidade mostra-nos que o aproveitamento é muito diferenciado, verificando-se um elevado número de alunos que apresenta resultados que ficam muito aquém do que seria esperado. Pode a primeira vista parecer estranho que alunos da mesma turma, a quem são ministrados os mesmos programas das várias disciplinas, com os mesmos professores, os mesmos livros e ainda sujeitos a um mesmo quotidiano escolar, apresentem níveis de aprendizagem tão díspares. No entanto, se fizermos uma observação atenta, facilmente concluímos que a grande diferença reside precisamente na mente de cada um dos alunos, e está relacionada com o factor mais decisivo de toda a aprendizagem que é a MOTIVAFÃO. Esta situação levanta-nos outra questão: Porque é que temos nas nossas escolas alunos motivados, que trabalham de forma empenhada nas tarefas que lhes são propostas, e outros que se arrastam pela escola contrariados e sem qualquer motivação, e para quem as aulas são um verdadeiro suplício? Este é o diagnóstico que importa fazer com a maior lucidez e realismo, pois só assim podemos conhecer a realidade nua e crua da escola actual. Alunos que frequentam a mesma escola e convivem no mesmo espaço social, já que vivem na mesma freguesia ou zona, apresentam atitudes muito divergentes, algumas até antagónicas, em relação à escola. Isso conduz-nos à descoberta daquilo que poderá ser a verdadeira razão desse antagonismo, pois se a totalidade dos alunos são oriundos de uma mesma zona, frequentam a mesma escola e manifestam atitudes diferenciadas perante as tarefas escolares, que se traduzem em resultados escolares muito diferentes. E a grande diferença reside na FAMILIA.

O que distingue os bons dos maus alunos no que diz respeito aos resultados escolares é seguramente o agregado familiar de cada um. É neste nicho vital que desde o início da vida de cada um são assimilados os valores fundamentais que determinam atitudes, comportamentos e posturas perante a sociedade em geral e a escola em particular.

Uma criança que vive no seio de uma família devidamente estruturada, que nutre respeito pelos outros, que incute o sentido da responsabilidade, que estimula o esforço e a exigência como meios para uma vida melhor, que acompanha o dia a dia das crianças, impondo regras adequadas à idade e ao nível de desenvolvimento, que cultiva uma convivência assente na compreensão e tolerância, reconhecendo-lhes o mérito, mas corrigindo os excessos ou desvios de comportamento, terá as condições necessárias para se desenvolver de forma harmoniosa, e obterá de uma forma natural o sucesso educativo. Ao invés, uma criança que seja criada num ambiente adverso, numa família que vive em constante conflito e sem cumprimento de regras essenciais para uma boa educação, interiorizam valores e atitudes que não se coadunam com aquilo que a sociedade e a escola espera dela.

Volvidas duas décadas sob a vigência da Lei de Bases do Sistema Educativo, e após profundas alterações curriculares, com revisão de programas, livros mais adequados, material escolar sofisticado mais atractivo com recurso às TIC, metodologias diferenciadas e um grande investimento ao nível da formação inicial e contínua de professores, o mais estranho é que o valor percentual do insucesso escolar mantém-se praticamente inalterado. Tanto esforço para nada. PORQUÊ?

Não será porque tratamos a situação a jusante esquecendo que os principais problemas se encontram a montante?

A escola actual deve centrar as suas energias numa busca constante de melhoria da qualidade do serviço que presta à sociedade.

Uma escola atingir os mais elevados índices de qualidade desde que garanta um funcionamento adequado nos diversos níveis da sua estrutura.

Para tal, torna-se urgente criar as condições necessárias a uma participação empenhada e de qualidade, a todos os intervenientes da comunidade educativa, nas várias estruturas e níveis de gestão e administração.

A Assembleia é o órgão responsável pela definição das linhas orientadoras da actividade da escola onde está garantida a participação e representação da comunidade educativa. No âmbito das atribuições legalmente conferidas, a Assembleia aprova o Projecto Educativo, o Regulamento Interno, emite parecer sobre o Plano Anual de Actividades, aprecia relatórios periódicos e final de execução do Plano Anual, aprecia o Relatório de contas de gestão, define linhas orientadoras para elaboração do orçamento e promove e incentiva o relacionamento com a comunidade educativa, para além de muitas outras funções.

Para que a Assembleia cumpra todas as suas funções com qualidade e competência, é absolutamente necessário criar as condições de participação efectiva a todos os membros que dela fazem parte.

Este é um momento decisivo para se delinearem as directrizes que podem fazer a diferença ao nível da qualidade de participação dos elementos que compõem este nível de importância estratégica para um ensino de qualidade. Não pode a escola viver à sombra de um trabalho praticamente desenvolvido em regime de voluntariado, contando com o esforço e dedicação de uns quantos, que, com a falta de incentivos vão acumulando cansaço e frustração, que conduz à indisponibilidade para tarefas de responsabilidade.

Neste contexto, e face à exigência do horário do professor contemplar determinado número de horas de estabelecimento, é da mais elementar justiça que os membros do corpo docente, pertencentes à Assembleia, vejam parte dessas horas atribuídas precisamente para trabalho relacionado com este nível. Ao pessoal não docente com assento neste nível devem ser atribuídas horas para compensar o tempo destinado tanto à preparação como à participação nas reuniões. Para os pais e encarregados de educação indigitados para o referido nível também devem ser criadas condições adequadas à sua participação, ató como forma de estimular o seu empenho e garantir o aparecimento de novos membros. A participação nas reuniões de um nível da importância da Assembleia carece de uma preparação prévia cuidada, através da leitura da vasta documentação relativa a assuntos tratados neste nível.

Assim, com pessoas motivadas e com condições para o desempenho das funções atribuídas, estarão garantidas algumas das condições consideradas essenciais, e estaremos certamente no caminho certo para uma escola de sucesso e um ensino de qualidade.

ESTATUTO DA CARREIRA DOCENTE

Aprovado o novo Estatuto da Carreira Docente, que entrará em vigor dentro de pouco tempo, importa que a sua regulamentação tenha em linha de conta as realidades actuais da escola e da sociedade, na perspectiva de melhorar o ensino e desenvolver o país.

O factor determinante para a escola atingir os mais elevados níveis de sucesso, é o dos recursos humanos. Por isso, qualquer organização, e a escola não foge à regra, só poderá atingir esses níveis através das pessoas

que nela trabalham, quando elas possuem formações global e específicas adequadas às suas funções, e as exercem de forma empenhada. Este desiderato só se verifica quando as pessoas se sentem motivadas e são estimuladas por factores relacionados não só com a sua realização profissional, mas também pela satisfação pessoal e reconhecimento social. Regular o estatuto dos docentes, de certo modo, mexer em todas essas vertentes, pelo que é necessária muita ponderação, para que não se verifique uma aversão ao estatuto por parte dos seus destinatários: os professores.

=====

Re: ESCOLA, PROFESSORES. E REALIDADE NUA E CRUA

Afixado por fernando_santana - 30/01/07 13:01

Colega, concordando na generalidade com a sua intervenção permita-me introduzir mais uma variável no mesmo raciocínio, pois entendo que a Família não é a única variável. Frequentemente a variável mais importante é mesmo o PRÓPRIO ALUNO. Basta ver os resultados escolares disponíveis apresentados por irmãos da mesma família, por vezes até com pequena diferença de idades. Pois, quer queiramos quer não, não somos todos iguais: OS ALUNOS NÃO SÃO TODOS IGUAIS, para podermos responsabilizar principalmente a família. O importante é oferecer a todos as mesmas oportunidades, o que significa oportunidades desiguais para alunos que são desiguais, por isso não podemos formatar a escola ou dar aulas para "a maioria", que frequentemente atinge a minoria.

A batalha da MOTIVATION só pode ser ganha com a diversificação das propostas, ofertas e actividades, preferencialmente com a participação activa dos próprios, para que a actividade escolhida e que encanta o aluno A mas que o aluno B detesta possa ser alternada com a actividade que capta toda a atenção do aluno B, embora aborrecendo de morte o aluno A. A forma de levar a água ao nosso moinho é só nossa em ambos os casos e faremos um melhor serviço à educação e à escola se pudéssemos dispensar o aluno B da primeira actividade e o aluno A da segunda...

=====